



Tangências do indizível:

Festschrift em homenagem a Ricardo Timm de Souza

Agemir Bavaresco
Evandro Pontel
Jair Tauchen
Orgs.



Editora Fundação Fênix

Ricardo Timm de Souza: Nasce na década de 60 do século passado, na serra gaúcha em plena tensão do mundo bipolar; na academia afia-se no pensamento filosófico e na arte da harmonização dos sons musicais como instrumentista e regente, compositor e docente musical, realizador de concertos e gravações de trilhas sonoras; na Europa, em plena Alemanha doutora-se na pesquisa filosófica e aprimora-se em vários centros de excelência; faz da docência uma paixão que se materializa na produção bibliográfica de livros autorais premiados e reconhecidos pelo público filosófico e da literatura; pesquisa e mantém, incansavelmente, a orientação de dissertações e teses na formação de novos profissionais em todas as áreas; engajado como membro e fundador de centros, sociedades e institutos de pesquisa e de estudos em Levinas, Rosenzweig e outros; Vinculado à PUCRS, à Escola de Humanidades e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia articula-se num ecossistema de docência, pesquisa e inserção comunitária;

Em interface interdisciplinar trabalha, transversalmente, ética e literatura, fenomenologia e psicanálise, filosofia latino-americana e cultura ocidental, ética aplicada e biopolítica.

Em *Tangências do indizível*, a comunidade de colegas expressa o reconhecimento ao homenageado pelo seu tangenciar o indizível e ressignificar as categorias e a prática; pelo seu modo de subjetivação e de estar fora de si, em permanente trânsito; pela composição em uma sonoridade, que evoca o informe e imenso multiverso, ampliando, sinestesticamente, a performatividade do texto; pelo inventar e criar ainda como um exercício de imperfeições, que não realiza a plenitude do seu projeto estético; pelo romper dos padrões estabelecidos no vibrante pulsar da produção, tangencialmente, de intensidades, indizivelmente, verdadeiras.

(Agemir Bavaresco)



Editora Fundação Fênix



9. A filosofia como crítica da Totalidade: Notas sobre o pensamento de Ricardo Timm de Souza



<https://doi.org/10.36592/9786581110680-09>

Fabio Caprio Leite de Castro

"A tarefa do filósofo: deixar as coisas se chocarem com sua própria realidade."

Ricardo Timm de Souza,
Filosofia Mínima: fragmentos de fim de século, p. 42.

Palavras introdutórias

É com grande alegria que aceitei participar do *Festschrift* em homenagem ao filósofo e professor Ricardo Timm de Souza, que tenho a honra de considerar um verdadeiro amigo – lá se vão mais de vinte anos em que fui pela primeira vez seu aluno. A sua presença, o entusiasmo de suas lições e a solidez do seu pensamento foram decisivos para o meu próprio percurso. Escrever nessa oportunidade única leva-me a refletir sobre questões que vão além da minha interpretação de sua obra, pois estendem-se a um momento importante do meu próprio encontro existencial com a filosofia.

Através de seu ensino e sua obra, entrei em contato com uma poderosa leitura sobre o contemporâneo, que se apresentava como que por diferentes aberturas, frestas, através do pensamento de Levinas, Derrida, Benjamin, Adorno, Rosenzweig, Kafka, entre outros. Percebi em seu entusiasmo que havia um traço a aproximar os autores comentados, não obstante suas aparentes diferenças, traço que se afastava da grandiloquência sistemática da filosofia especulativa e provinha de uma outra atitude: da escuta dos textos, deixando-os falar, como forma de construir, através

das *razões plurais*, uma *razão ética*.¹

Aquilo que, por meio de sua leitura crítica da contemporaneidade, vinha a se apresentar como ética em sua radicalidade já não poderia ser uma ética das virtudes, uma ética deontológica, ou uma ética estritamente fundada na ontologia. Tratava-se de fazer um caminho em direção à pergunta pela radicalidade ética. A Alteridade não nos tranquiliza eticamente como o fazem as categorias de outros modelos éticos, muito pelo contrário. A neutralidade já não é mais possível. Minha trajetória na filosofia fenomenológico-existencial foi inexoravelmente marcada por essa interrogação.

Não pretendo oferecer com esse texto um estudo minucioso ou sistemático sobre a obra de Timm, tampouco um estudo sobre pensadores que o influenciaram e cuja leitura terminou igualmente por me influenciar. Meu propósito é apresentar meu próprio testemunho sobre aquilo que considero ser o horizonte hermenêutico no qual podemos ler a obra de Timm até o presente, considerando que se trata de um filósofo em atividade e sua obra ainda promete muitos desdobramentos.

Escolho, para a abordagem que proponho, um caminho em três etapas, as quais correspondem ao próprio desenvolvimento da obra de Timm. Tomo como ponto de partida o seu primeiro livro, *Totalidade e Desagregação*, de 1996, e o livro *Sujeito, Ética e História*, de 1999, que se tornaram textos referenciais para o seu projeto filosófico e boa parte de seus escritos posteriores. Em seguida, passo ao tema da *Ética como fundamento*, publicado em duas partes, em 2004 e 2016, a qual reúne uma introdução à ética e diversos textos, revelando a densidade do seu pensamento em busca de uma ética radical. Por fim, dirijo-me à sua última grande publicação, *Crítica da Razão Idolátrica*, de 2020, livro que faz uma radiografia do momento de decadência e degeneração que vivemos, mostrando com clareza as características desse processo, como uma espécie de diagnóstico de nosso tempo adoecido.

¹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Razões Plurais – Itinerários da Racionalidade Ética do Século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 11.

Crítica da Totalidade: projeto existencial e estilo de filosofar

O ponto de partida de Timm, que configura também o motor do seu pensamento, é a experiência do contemporâneo, marcadamente, a experiência de uma espécie de “espírito de urgência”², algo como um desconforto que advém de certos sinais de uma ruptura radical na cultura. Vivemos ainda os abalos altamente destrutivos do séc. XX, encarnados pelas duas Guerras globais. Vivemos o trauma e o fracasso civilizacional, instalado nas grandes instituições e no mais recôndito espaço das relações humanas. Ao longo dos anos, em seus diversos textos, Timm dedicou-se a investigar como fomos capazes de chegar a essa condição, o que propriamente em nossa cultura conduziu-nos a esse estado de coisas, bem como a mostrar caminhos alternativos, vias de resposta a um movimento na razão que insiste em afirmar a Totalidade. Reconhecer a miséria de uma cultura incapaz de controlar sua violência e opressão, incapaz de sublimar suas terríveis contradições, mostrando que ainda há tempo, ainda é possível pensar um porvir, um “futuro propriamente futuro”³, eis a tarefa indeclinável da filosofia em nosso tempo.

Vê-se claramente que o estilo de filosofia, o estilo de pensar proposto por Timm afasta-se de um modelo tradicional e suas eventuais desembocaduras no racionalista ufano, no naturalista soberbo, no idealista majestático, entre outras variantes pomposas do pensamento especulativo, lógico, analítico, sistemático da contemporaneidade. O crítico deve afastar-se desses modelos, sem deixar de tangê-los, justamente para mostrar suas falhas, suas incongruências, suas fragilidades. Timm constrói a sua filosofia ao lado dos filósofos que, de alguma forma, anteviram, experienciaram, pensaram a crise do mundo contemporâneo.

Estilo de filosofia que ousa filosofar sobre a singularidade, sobre a existência, sobre a alteridade, não no topo de uma razão triunfante, mas entre os escombros e cinzas do século XX. Seria, portanto, uma tarefa indeclinável da filosofia em nosso tempo o desenvolvimento de uma crítica ao pensamento ocidental hegemônico, crítica que aponta para as suas falhas, suas incongruências, suas fragilidades.

² SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade & Desagregação – Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996, p. 11.

³ *Ibidem*.

Filosofia menor, filosofia do pequeno, filosofia das migalhas, mas que se constitui, se levanta e resiste pela potência do pensar, por onde a verdade procura por seu legítimo lugar, o *desejo de justiça*, que nos investe na direção da alteridade do Outro.

É, portanto, desde uma forte intuição, um *insight* sobre o mundo contemporâneo, que o pensamento de Timm nos convida a um despertar. No entanto, é preciso elaborar essa intuição, conceder a ela legitimidade, deixá-la amadurecer, colocá-la frente a frente com a história da Filosofia, para que ela, de fato, se torne pensamento crítico. É através desse caminho, longo caminho, que a crítica se estabelece e ganha solidez. A grande questão levantada por Timm é que os rumos a que levaram a ciência e o desenvolvimento tecnológico-industrial, em seu aspecto mais aterrador, não estão desligados do próprio modo como a humanidade se forjou filosoficamente. Ora, poderíamos pensar que os desfechos históricos da imensa crise em que mergulhamos no século XX seria uma infeliz coincidência com uma cultura em que os “verdadeiros ideais” da filosofia teriam sido terminantemente ignorados, ou que se trataria de um imenso fracasso moral, porém, não teórico. Para Timm, no entanto, *não se trata de um acaso*.

A História do Ocidente tem consistido, em suas linhas mais amplas, na história dos processos utilizados para neutralizar o poder desagregador do Diferente; e a História da Filosofia ocidental tem sido, quase sempre, a maneira de favorecer e legitimar intelectualmente esta busca da neutralização.⁴

Não há separação entre as vagas da tradição filosófica ocidental e o percurso que leva à crise sem precedentes instalada na contemporaneidade. É chegado o tempo em que as obviedades precisam ser interrogadas, as ingenuidades caem por terra, o gigantismo da razão é colocado sob suspeita.

Em filosofia, no entanto, é preciso demarcar com clareza a partir de qual conceito uma leitura tão radical da história da Filosofia – e da filosofia da História – se torna possível. Timm elege, para tanto, a Totalidade, como conceito máximo, que pretende abranger o todo da realidade. *Totalidade de sentido*, “totalidade heterofágica” que se desdobra em um movimento que “tende a se hipertrofiar

⁴ *Ibidem*, p. 18.

desmedidamente e a neutralizar toda a potência e a vida que porventura possam existir fora dela".⁵

O conceito de Totalidade é examinado por Timm desde o voo mais alto da filosofia especulativa, cume dialético do pensamento sistemático e de uma História triunfante, que encontra certamente em Hegel seu principal nome. No entanto, não se trata exclusivamente da dialética especulativa, pois a Totalidade pode ser afirmada de forma muito persuasiva, sob outros modelos igualmente sofisticados, por caminhos diversos, como a ontologia fundamental de Heidegger. Pelo modo mesmo como filosofaram e como lançaram luz sobre a história da Filosofia, Hegel e Heidegger são pontos culminantes da filosofia como filosofia da Totalidade, a qual pode ser lida como uma longa tradição, que pode ser igualmente exemplificada, por exemplo, pela afirmação do Ser parmenídico, pelo panenteísmo platônico e neoplatônico, pela ontoteologia, pelo racionalismo monista, até mesmo pela filosofia nietzschiana – “Festa da Totalidade”⁶. E poderíamos acrescentar que ela sobrevive em nossos dias, seja por reminiscências do sonho da razão totalizante, seja por um movimento de totalização que persiste, até mesmo, *lá onde menos se espera*, em perspectivas políticas erroneamente inspiradas em um monismo ontológico ou um imanentismo, os quais suprimem a alteridade radical.

Para chegar a uma formulação abrangente do conceito de Totalidade tal como pretende empregar em sua filosofia crítica, Timm se vale de muitas influências, entre as quais destacamos duas, a dialética negativa de Adorno e a ética da alteridade de Levinas. É evidente que pensadores e escritores como Benjamin, Rosenzweig e Kafka possuem inestimável importância para a formulação de uma crítica à Totalidade⁷, mas é possível considerar que Adorno e Levinas se encontram, nessa empreitada, em um lugar mais nuclear, precisamente pelo modo como tornaram possível a abordagem filosófica do tema.

⁵ *Ibidem*, p. 113.

⁶ *Ibidem*, p. 65-80.

⁷ Ver, por exemplo: SOUZA, Ricardo Timm de. *Existência em decisão*. São Paulo: Perspectiva, 1999; SOUZA, Ricardo Timm de. *Metamorfose e extinção – Sobre Kafka e a patologia do tempo*. Caxias do Sul: Educs, 2000; SOUZA, Ricardo Timm de, et al. (Org). *Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise*. Porto Alegre: Fi, 2019.

A filosofia de Adorno tem um lugar central na construção do pensamento Timm, tanto por sua concepção estética, quanto pela dimensão ética que a obra adorniana termina por nos oferecer. A crítica de Adorno a Hegel é uma das mais importantes ao idealismo, com sua potente rejeição a uma história teologicamente redentora, crítica que atinge a totalidade: "O todo é o não-verdadeiro".⁸ O real, em sua verdade, escapa, por sua objetividade, ao conceito. Para chegar a essa afirmação, tal qual o artista, o filósofo precisa, de algum modo, negar a sua dimensão doadora de sentido, a fim de que a realidade possa falar desde si-mesma⁹, sem se resolver em uma instância conceitual, cuja identidade subsumiria por completo o real.

Entretanto, considerando a obra e a trajetória de Timm, o filósofo que mais o marcou e se tornou decisivo para o seu pensamento, desde a sua tese sobre o infinito até seus últimos escritos, foi Levinas. É na obra levinasiana que a noção de Totalidade é efetivamente explicitada em um sentido abrangente, capaz de alcançar todo o projeto de uma filosofia do ser como filosofia primeira, cuja crítica, na direção de uma ruptura advinda da Exterioridade, impulsiona a ética radical, ética da Alteridade.

Timm dedica-se, no livro *Sujeito, Ética e História*, de 1999, a uma investigação original sobre Levinas, que o conduz à formulação de uma *metafenomenologia*, a qual não significa propriamente uma negação da fenomenologia, mas de uma reflexão sobre o além do fenômeno, o *enigma* e *enigmologia*.¹⁰ Por dentro da fenomenalidade, o enigma instaura-se através de uma dissonância, uma discordância, com uma outra realidade, que tem o seu tempo próprio. No campo da apresentação intencional, a inteligibilidade passiva presente, sob uma forma não-intencional, uma realidade que escapa ao plano da presentificação-identificação.¹¹ Essa é a dimensão da Alteridade, com uma realidade enigmática não-fenomenológica, que invade o mundo do si mesmo – em uma invasão que pode ser percebida, pois questiona a ordem que é a minha. Anuncia-se, assim, o Infinito,

⁸ ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Trad. Joaquín Chamorro Mielke. 2ª ed. Madrid: Taurus, 1999, p. 48.

⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade & Desagregação – Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*, op. cit., p. 50.

¹⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, Ética e História. Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 71-78.

¹¹ *Ibidem*, p. 73.

através de um enigma, um existir fora do meu poder de raciocínio, de minha capacidade linguística e cognitiva, pelo qual a totalidade se transcende em outro tempo. Não temos acesso fenomênico ao Infinito, mas somente através do seu vestígio, no Rosto, não como um resíduo de uma presença, mas como um transcender o presente desde onde ele nos comanda. Para Levinas, o enigma nos vem daquilo que ele chamou de *eleidade*: “É esse desvio a partir do rosto e esse desvio em relação ao desvio no enigma mesmo do vestígio, que nós chamamos *eleidade*”.¹²

A partir de um mergulho profundo na filosofia levinasiana, Timm propõe a postulação da ética como filosofia primeira e o desenvolvimento de uma abordagem ecológica original para uma concepção ética de mundo. Tomando a perspectiva de Levinas, que subverte a História da Filosofia ao afirmar a ética como filosofia primeira, Timm estabelece um esboço para uma abordagem do espaço ecológico e da própria Natureza em contraposição à uma Filosofia da Natureza que afirma uma pretensa diversidade como Unidade totalizante.¹³

O ensinamento e a obra de Timm situa-o entre os pensadores que foram os responsáveis pela recepção e difusão do pensamento levinasiano no Brasil, como Pergentino Stefano Pivatto e Luiz Carlos Susin. Sua leitura de Levinas coloca-o numa posição singular e original, ao estender suas reflexões para um diálogo com outros pensadores, com a literatura, a estética, a pedagogia, a filosofia latino-americana, a psicanálise, a ecologia e outras dimensões.

A Ética como Fundamento

Diante de um cenário de decomposição, que vai muito além dos fatos específicos da violência e da opressão, enquanto sintomas de uma decadência cultural e de uma crise muito mais profunda e ampla, é possível, ainda, com esperança, resistir? *O que fazer?* Eis a questão que precisamos colocar-nos em paralelo à uma crítica da Totalidade. Filosofia sem crítica é *tautologia*, é falar do

¹² LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Dordrecht: Kluwer, 1978, p. 27.

¹³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, Ética e História. Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental, op. cit.*, p. 163-171.

Mesmo. Porém, de que existencialmente ela nos importaria, se não fosse possível agir? Nesse sentido, a crítica da Totalidade, que compõe uma releitura da história da Filosofia e faz pressentir, prepara, impulsiona o despertar filosófico para a Alteridade, já nesse gesto inicia o processo que nos retira do imobilismo.

Se a própria crítica da Totalidade ficasse presa em si mesma, possivelmente cairia na armadilha de se tornar um mero capricho com verniz acadêmico, pessimismo infecundo preso ao emaranhado pós-moderno e seus desdobramentos – em tantas tendências que afirmam, desavisadamente, em nossos dias, o imobilismo e o individualismo. No entanto, a potência do pensamento de Timm não cede a esse tipo de tentação teórica. A ética não é mero discurso teórico, saber ou ciência acerca dos comportamentos ou ações, estudo sobre a formação de princípios e normas. Tampouco é mera crítica pela crítica, discurso que se posiciona em distância ao mundo, capaz de decifrar todas as suas regras, técnicas, tecnologias, normatividades etc, mas como que desafetado por ele. Para muito além desses aspectos (que não necessariamente devem ser negados), a ética trata da própria *condição humana* e, nesse sentido, intercepta a existência lá onde o sujeito é investido por uma responsabilidade infinita, por um Outro que passa fome e clama por sua vida. A obra de Timm coloca-nos frente a frente com essa questão e seus desafios, atinge-nos em profundidade e interroga sobre o sentido de nossas escolhas, nossa congruência e, sobretudo, sobre nossas ações no mundo. Desse modo, a ética proposta por Timm pretende oferecer uma resposta à crítica da Totalidade, no sentido de possibilitar uma aproximação do concreto e oferecer respostas ao mundo.

Essa dimensão prática da ética da Alteridade, como abertura provocada pela crítica da Totalidade, pode ser encontrada nos textos de Timm de múltiplas formas, em seus diversos momentos e temáticas. Tomo como referência dois livros, *Ética como Fundamento – Uma introdução à Ética contemporânea*,¹⁴ de 2004, e *Ética como Fundamento II – Pequeno tratado de ética radical*, de 2016,¹⁵ como explicitação

¹⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como Fundamento – Uma introdução à Ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

¹⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como Fundamento II – Pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul: Educs, 2016.

desse aspecto que pode ser considerado o núcleo dos desdobramentos éticos de uma crítica da Totalidade.

A ética como *fundamento* traz em ressonância o pensamento levinasiano. Fundamento não é exclusivamente um conceito ou dimensão ontológica, como poderia fazer pensar o uso do termo. Não se trata daquilo que sustenta, explica ou causa, ou aquilo que assegura a contraditoriedade do ser, ou seja, fundamento (*Grund*) no sentido da doutrina da essência de Hegel. Tampouco se trata da ontologia fundamental (*Fundamentalontologie*) proposta por Heidegger. Fundamento parece remeter, indiretamente, à célebre provocação feita por Levinas – *É a ontologia fundamental?*

Não se trata, claramente, do fundamento no sentido epistemológico ou ontológico. Trata-se de uma dimensão ainda *mais fundamental* que a epistemologia e a ontologia. Tomar a ética como fundamento é uma decisão que integra o projeto filosófico de Timm. Nesse sentido, o próprio fundamento termina por ser interceptado, interpelado e revolucionado quando este se deixa captar, agora, como responsabilidade ética. A abordagem do fundamento por Timm porta algo original relativamente a Levinas: fundamento é o *núcleo fundamental* de toda a relação vital entre os seres humanos e a natureza¹⁶, no sentido de uma responsabilidade radical que intervém sobre nosso *ethos*.

Ética é, assim, o *fundamento* da condição humana que vive e medita sobre si, sobre o seu *lugar*, sobre a sua *casa*, sobre seu *mundo*; ética é, neste sentido, essencialmente, uma questão *eco-lógica* (de oikos: casa, lugar, e logos; reflexão sobre). E, assim sendo, ética é o fundamento de todas as especificidades do viver, em suas mais complexas relações e derivações, das ciências e da tecnologia, da história das comunidades e da própria filosofia.¹⁷

Uma vez estabelecida a abertura ética fundamental que torna possível responder à crise da contemporaneidade, onde a responsabilidade radical se faz concretamente afirmação da vida, a *Ética como Fundamento – Introdução à ética*

¹⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como Fundamento – Uma introdução à Ética contemporânea*, op. cit., p. 103.

¹⁷ *Ibidem*, p. 20. Grifos do autor.

contemporânea volta-se para reflexões sobre diversos campos da condição humana que são profundamente transformados pela ética da Alteridade, como a ecologia, a política, a ciência, a estética, a justiça entre outros.¹⁸ Ademais, Timm oferece nesse livro posicionamentos acerca de problemas concretos sobre a responsabilidade social, a pedagogia, a manipulação genética e, igualmente, sobre a importância da Comissão Mundial de Ética do Conhecimento Científico e Tecnológico (COMEST) da Unesco. Temas que emergiam com força ao final do século XX e nos primeiros anos do século XXI, cujo debate se faz ainda mais urgente em nosso tempo – onde as contribuições de Timm são contundentemente atuais e certas.

A *Ética como Fundamento II – Pequeno tratado de ética radical* reúne múltiplos textos em *Prolegômenos*, *Reescrita da Ética* e *Derivações*, que traduzem muitas das investigações levadas a cabo por Timm em seu projeto filosófico. O livro apresenta a ética em seu sentido radical, através de múltiplas e densas abordagens, enfrentando, sobre o fundo da crítica da Totalidade, as diversas facetas da violência biopolítica, da catástrofe difusa, da falência da ética do discurso, da patologia do tempo, mostrando o caminho para o enfrentamento dos enormes desafios do século XXI. A ética como fundamento oferece alternativas de superação das estruturas mentais patológicas, marcadas pela *tentação da Totalidade*, tal como o preconceito. “O preconceito é a lógica do medo abandonado a si mesmo, em seu autossofrer, a insegurança absolutizada de um momento – paralisia do tempo.”¹⁹ Ademais, a ética da Alteridade traz um fundamento radical para a dignidade humana e permite traçar uma *antropologia dos intervalos*, onde a multiplicidade é constitutiva da origem do sentido, sentido que é propriamente humano: “Sobrevive-se ao próprio nascimento não, pelo menos apenas, à solidez de si próprio, mas pelo espaço disponível à multiplicidade (...).”²⁰

No caminho aberto pela postulação de uma ética radical, a *Ética como fundamento* deu impulso a uma abordagem literária da crítica da Totalidade, desta vez, mais explicitamente, no livro *Ética do Escrever – Kafka, Derrida e a crítica da*

¹⁸ *Ibidem*, p. 19-52.

¹⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como Fundamento II – Pequeno tratado de ética radical*, op. cit., p. 307.

²⁰ *Ibidem*, p. 326.

violência.²¹ Timm apresentou neste livro importantes desdobramentos de sua ética radical em uma ética do escrever, onde ele examinou as possibilidades literárias de construção de uma *memória ética*, desenvolvendo múltiplas abordagens do contemporâneo através da desconstrução derridiana e do hiper-realismo kafkiano. É nesse percurso, por entre as frestas da *razão ardilosa* (a esperteza programática) e a *razão vulgar* (a obtusidade corrente)²², que o tema da *idolatria* foi ganhando mais e mais espaço, na medida em que, em sua abordagem crítica, Timm permanecia atento às urgências concretas, diante do cenário de ascensão do neofascismo.

Crítica da Razão Idolátrica

Em pleno século XXI, que iniciava com a esperança de que um *outro mundo é possível*, é aterrador o que estamos a viver. Os percalços, dificuldades e violências de uma nova ordem mundial trouxeram acirramento à crise econômica e cultural, não mais contida pelos frágeis limites estabelecidos pelos organismos internacionais e pelas democracias de Estado. Com um novo mundo dominado pelas telas e por novas formas tecnológicas de *propaganda*, o risco de reinvenção do fascismo, atrelado ao individualismo do homem qualquer, o *qualquer um*, não foi suficientemente antecipado. Ora, a obra de Timm, que sempre constituiu um alerta sobre o contexto mais amplo de crise na contemporaneidade, oferece em seu último livro um impressionante diagnóstico do nosso tempo. Resultado de anos de pesquisa, a filosofia como crítica atingiu, desta vez, o centro nevrálgico da expressão da Totalidade – a racionalidade idolátrica.

A *Crítica da razão idolátrica*²³ nasce como uma continuidade da *Ética como fundamento e Ética como escrever*, realizando uma renovada leitura da crítica da Totalidade, com a qual é possível apontar a sua mais elementar engrenagem e funcionamento: a *adoração idolátrica*. "Vivemos a era por excelência da idolatria"²⁴,

²¹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do Escrever – Kafka, Derrida e a crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

²² *Ibidem*, p. 43-54.

²³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

²⁴ *Ibidem*, p. 11.

onde a razão encontra um modelo hegemônico de funcionamento, que faz operar a gestão de ídolos e, por estratégias de violência, disfarçadas pela sutileza intelectual, realiza a tentativa de total absorção do porvir. Através da expressão da racionalidade idolátrica, essa tentativa mostra-se, cruamente e cruelmente, em sua funesta e mortífera negação da vida. Em seu processo de idolatrização, a razão serve-se do ardil, em seu corpo tecnocrático e instrumental, para sustentar a vulgaridade feroz e orgulhosa, que termina por se autodestruir: razão ardilosa e razão vulgar, dois mecanismos que se encontram articulados na razão idolátrica.

Esse é o modelo hegemônico nas altas esferas do pensamento bem-comportado a serviço do poder e do estatuído, onde se *gestam os ídolos* e se administra a idolatria ministrada como *mitologia* à razão vulgar. Em outros termos, *chamamos "idolatria" a resposta massificada à articulação perfeita entre razão vulgar e razão ardilosa.*²⁵

Dividida em duas partes, a *Crítica da razão idolátrica* apresenta, de um lado, as condições e expressões da racionalidade idolátrica e, de outro, as condições e estruturas da crítica da racionalidade idolátrica. O êxito dessa publicação resulta da potência crítico-descritiva da idolatria em suas múltiplas formas, através de categorias que, ao mesmo tempo, nos conectam com temas tradicionais da filosofia, da literatura, da teologia, mostrando-nos os seus reflexos e paralelismos na formação contemporânea de ídolos e mitos, através da decadência e do adoecimento vital, linguístico e cultural de nossa sociedade. Por outro lado, o sucesso do livro também se deve ao modo como a resposta à racionalidade idolátrica é formulada, enfrentando temas nucleares do nosso tempo: a desconstrução do narcisismo patológico, a desconstrução da rigidez, a vitalização da linguagem, o despertar ético, a potência do negativo, a desocultação do ardil e a vontade de utopia.

Considerando o percurso intelectual realizado até o momento por Timm, a *Crítica da razão idolátrica* é o escrito que conduz a uma máxima explicitação da crítica da Totalidade. Ou seja, é o resultado de um longo processo de maturação

²⁵ *Ibidem*, p. 14. Grifos do autor.

intelectual, mobilizado por um projeto crítico que não abriu mão de sua radicalidade e segue decididamente na direção de uma ética radical.

Palavras em agradecimento

É difícil transmitir em algumas breves palavras o que representa para mim o encontro com Timm e sua obra, a qual tive a alegria e a oportunidade de acompanhar proximamente, ao menos seus grandes livros, à medida que foram sendo publicados. O estudo da filosofia é movido por um desejo que se vai descobrindo, ganhando forma, expressão e se permite transformar à medida que a confrontação com novos pensamentos e estilos de filosofar é experienciada pelos encontros. Não há filosofia sem diálogo, sem dialética, sem o pluralismo de vozes que é a condição para a atitude genuína do filosofar.

O encontro com Timm marcou decisivamente a minha compreensão sobre a filosofia, seu papel e lugar, onde a ética não é apenas uma reflexão principiológica ou normativa, uma recomendação ou um conjunto de proibições, mas *o núcleo da condição humana*. A questão da Alteridade deixa de ocupar um lugar cômodo ou bem acomodado. Provocação que nos revela uma enorme responsabilidade, mas também uma via possível de afirmação da vida, uma *filosofia da ação*.

Nesse sentido, apesar das múltiplas diferenças e nuances a serem examinadas, Levinas encontra Sartre, oferecendo-lhe um caminho para responder aos círculos infernais da má-fé, uma alternativa de ruptura ao desejo demasiadamente humano de ser Deus: sem recair na ontoteologia, o problema ético-teológico há de ser recolocado através da irrupção do infinito, através dos vestígios, no rosto do Outro, da eleidade.

Rosto, *visage*, que vai além da fisionomia, da articulação mecânica, do qual Sartre ensaiava uma fenomenologia ainda em 1939: "o sentido do rosto é o de ser uma transcendência visível".²⁶ Em Sartre, por certo, permanecemos no plano da *fenomenologia*.

²⁶ SARTRE, Jean-Paul. "Visages". *Les écrits de Sartre*. Paris : Gallimard, 1970, p. 564.

Inassimilável e irreduzível, a epifania do rosto se situa em Levinas para além das fronteiras do fenômeno e das condições do fenomênico, de uma ontologia fenomenológica – exercício complexo de uma *metafenomenologia*, Sua postulação por Timm, a partir da ética levinasiana, como crítica da Totalidade, permaneceu, não obstante, no horizonte de minhas pesquisas sobre a obra sartriana, que tratei de levar aos limites do que me era possível, então, para a formulação de uma *Ética de Sartre*.²⁷ Isso é apenas uma forma de dizer que minha leitura de Sartre foi decisivamente marcada pelo encontro com a filosofia levinasiana.

Não obstante, entre a ética e o que resta da ontologia – a fenomenologia não desaparece –, ainda existem questões a serem colocadas, há inúmeros pontos em aberto. No tensionamento vivo do filosofar, a obra e a presença de Timm continuarão sendo como uma bússola para uma filosofia aberta ao porvir.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Trad. Joaquín Chamorro Mielke. 2ª ed. Madrid: Taurus, 1999.

CASTRO, Fabio Caprio Leite de. *A ética de Sartre*. São Paulo: Loyola, 2016.

LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Dordrecht: Kluwer, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. "Visages". *Les écrits de Sartre*. Paris : Gallimard, 1970, p. 564.

SOUZA, Ricardo Timm de, et al. (Org). *Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise*. Porto Alegre: Fi, 2019.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como Fundamento – Uma introdução à Ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como Fundamento II – Pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul: Educs, 2016.

²⁷ CASTRO, Fabio Caprio Leite de. *A ética de Sartre*. São Paulo: Loyola, 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do Escrever – Kafka, Derrida e a crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Existência em decisão*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Filosofia mínima: Fragmentos de fim de século*. Porto Alegre: Pyr, 1998.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Metamorfose e extinção – Sobre Kafka e a patologia do tempo*. Caxias do Sul: Educs, 2000.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Razões Plurais – Itinerários da Racionalidade Ética do Século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, Ética e História. Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade & Desagregação – Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade & Desagregação – Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas, op. cit.*